

AMÉRICA LATINA

Cartel suspende diálogo de paz

No dia seguinte à reunião entre Donald Trump e Gustavo Petro, o Clã do Golfo, principal organização narcotraficante da Colômbia, anuncia o rompimento das negociações. O chefe do grupo foi apontado como alvo prioritário pelos dois presidentes

Aproximação ensaiada entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o colega da Colômbia, Gustavo Petro, que prevê ações conjuntas de combate ao narcotráfico, minou o diálogo de paz entre o governo de esquerda e o Clã do Golfo, principal cartel do país sul-americano. Em rejeição aos acordos com Washington, a organização criminosa decidiu suspender as negociações.

Responsável pelo maior volume de exportação de cocaína a partir da Colômbia, o Clã do Golfo protestou depois que os presidentes priorizaram ações militares e de inteligência contra seu chefe, Chiquito Malo, durante o encontro de terça-feira na Casa Branca.

A margem dos diálogos de paz em Doha, no Catar, Petro expressou a Trump a necessidade de atacar o líder do cartel, segundo informou o ministro colombiano da Defesa, Pedro Sánchez. Essa nova estratégia muda o rumo das relações entre Colômbia e Estados Unidos, que haviam sido afetadas pelos constantes embates nas redes entre os dois governantes.

"Isso seria um atentado contra a boa-fé e os compromissos assumidos" reagiu a organização narcotraficante na rede social X. "O presidente Petro colocou seus interesses pessoais acima do bem maior, que é a paz nos territórios", acrescentou.

Integrantes do governo Petro confirmaram à agência de notícias France Presse (AFP) que a conta que publicou a postagem pertence à organização de origem paramilitar, que se autodenomina Exército Gaitanista da Colômbia.

Antes da reunião com Trump, o presidente de esquerda da Colômbia vinha sendo pressionado por sua suposta falta de firmeza contra as máfias, que, inclusive, o levou a ser alvo de sanções por parte de Washington.

Conversas

O governo Petro e o Clã do Golfo anunciaram, em setembro do ano passado, o início de conversas no Catar com vistas a um desarmamento em troca de benefícios legais. Na época, o presidente de esquerda enfrentou fortes críticas por sua política de negociação a paz com os principais grupos armados do país, que teriam



O chefe da Casa Branca (D) cumprimenta o líder colombiano no encontro em que acertaram ações conjuntas contra o crime organizado

se fortalecido durante seu mandato. No caso do Clã do Golfo, o próprio governo reconhece que o grupo aumentou em número de integrantes.

Além de Chiquito Malo, Bogotá apontou a Washington Iván Mordisco, líder da principal dissidência das Farc que não abandonou as armas após o acordo de paz de 2016. Outro nome citado foi o de Pablito, um dirigente da guerrilha do ELN que atua na fronteira com a Venezuela.

"Não são alvos novos para a Colômbia em si, mas são alvos novos para uma ação conjunta entre a Colômbia e os Estados Unidos", declarou Pedro Sánchez à Caracol Radio.

Chiquito Malo assumiu a liderança do Clã do Golfo após a captura, em outubro de 2021, de Otoniel, extraditado para os Estados Unidos. Apontado como o segundo na hierarquia do grupo, José Gonzalo Sánchez Sánchez, conhecido como Gonzalito, morreu afogado em um rio do departamento caribenho de Córdoba, no último fim de semana.

Em janeiro, o comandante do



Iván Mordisco, líder da principal dissidência das Farc, está na mira

ELN, Antonio García, disse à AFP que estava disposto a se unir a Iván Mordisco para enfrentar Washington.

Venezuela

Na entrevista a Caracol Radio, o ministro colombiano da Defesa

acrescentou que a Venezuela será convidada a se juntar à nova campanha de enfrentamento ao narcotráfico. Isso porque alguns chefes de organizações colombianas atravessam a fronteira em busca de refúgio no país vizinho.

Organizações denunciam que,

durante o governo de Nicolás Maduro, preso em 3 de janeiro pelos Estados Unidos, grupos colombianos do tráfico de drogas atuavam na Venezuela sob a proteção de um sistema corrupto e em suposta aliança com as forças militares venezuelanas.

"Essa (nova) ofensiva significa integrar com maiores capacidades em termos de inteligência, mas aplicando a força em cada território segundo a soberania das próprias nações".

Sánchez enfatizou que, no caso da Colômbia, os Estados Unidos colaborariam em tarefas de inteligência, mas "a aplicação da força será feita" pelas forças do país.

Considerados rivais ferrenhos, Petro e Trump tiveram um encontro cordial na Casa Branca — o primeiro e possivelmente o único entre eles, uma vez que a Colômbia elegerá um novo presidente este ano.

O chefe da Casa Branca chegou a fazer uma dedicatória em um livro ao seu homólogo, a quem descreveu como uma pessoa "genial". Petro destacou sua franqueza.

Direitos violados

Em seu relatório anual, divulgado ontem, a ONG Human Rights Watch (HRW) denunciou "a execução extrajudicial de 120 latino-americanos" no Caribe por ataques dos Estados Unidos. No documento, a organização sustentou que o retorno de Donald Trump à Casa Branca incentivou vários governos da América Latina a cometer abusos.

Directora para as Américas da HRW, Juanita Goebertus advertiu que às "graves violações de direitos humanos" identificadas "há décadas" em países como Cuba, Nicarágua e Venezuela somam-se, agora, os abusos cometidos por Washington na região. Ela destacou ainda a retenção de estrangeiros deportados pelos EUA em El Salvador, Panamá e Costa Rica.

Segundo Juanita Goebertus, "a execução extrajudicial" de latino-americanos em águas do Caribe e do Pacífico, durante ataques contra embarcações supostamente utilizadas para o tráfico de drogas, é uma das ações do governo Trump que agravaram a situação dos direitos humanos na região.

Para a diretora da organização, "o governo dos Estados Unidos teve uma influência indiscutivelmente negativa" na região. Segundo Goebertus, governos latino-americanos que adotaram políticas de mão dura contra a criminalidade registraram um aumento nas violações de direitos humanos.

O relatório do HRW sustenta, por exemplo, que a administração de Nayib Bukele, em El Salvador, cometeu "prisões arbitrárias e em massa", "tortura" e "desaparecimento forçado" para alcançar uma redução significativa da violência ligada às gangues.

Por sua vez, o Equador, segundo o documento, encerrou 2025 com uma taxa recorde de homicídios de 52 assassinatos por cada 100 mil habitantes, enquanto suas forças de segurança incorreram em "execuções extrajudiciais" e "desaparecimentos forçados".

ESTADOS UNIDOS

Ofensiva "mais suave" em Minnesota

O governo de Donald Trump decidiu efetivar a retirada "imediata" de 700 policiais de imigração do estado de Minnesota, em um momento de grande tensão e protestos após a morte de dois cidadãos norte-americanos por disparos de agentes federais durante operações na cidade de Minneapolis. "Aprendi que talvez pudéssemos usar um toque um pouco mais suave. Mas devemos permanecer firmes", afirmou o presidente dos Estados Unidos, horas depois do anúncio, à emissora NBC.

Antes da entrevista de Trump, o czar da política de fronteiras do governo, Tom Homan, reconheceu, em uma coletiva de imprensa, que há uma melhor colaboração com as autoridades locais, dessa forma, uma "menor" necessidade de manter agentes federais no estado. "Nunca tivemos tanto esse tipo de cooperação", disse



Em Minneapolis, protesto contra a política anti-imigração: 700 policiais serão retirados do estado

vão continuar todos os dias em todo o país", afirmou Homan.

Investigações

O prefeito de Minneapolis, Jacob Frey, e o governador de Minnesota, Tim Walz, ambos democratas, classificaram o anúncio como "um passo adiante na direção correta". Ambos instaram a Casa Branca a acabar logo com sua extensa campanha no estado. Walz pediu investigações lideradas pelas autoridades estaduais sobre os incidentes letais ocorridos em Minneapolis.

Donald Trump queixou-se das palavras de ambos: "Telefonei para o governador. Telefonei para o prefeito. Tive conversas estupendas com eles. E, depois, os veio vociferando e espumando pela boca. Literalmente como se o telefonema não tivesse

acontecido", reagiu o líder republicano.

No início do mês passado, um agente federal matou a tiros a civil desarmada Renee Good, de 37 anos, quando ela tentava se evadir em seu veículo dos oficiais do ICE. O episódio desatou protestos e críticas de grupos de direitos civis e de funcionários locais.

Dezenas dias depois, outro morador de Minneapolis, o enfermeiro Alex Pretti, também de 37 anos, foi imobilizado pelos agentes federais que depois atiraram contra ele e o mataram na rua.

Em seguida, diante da resposta popular, que se estendeu por outros estados norte-americanos, Trump removeu o oficial responsável, o chefe da Patrulha de Fronteira (CBP, na sigla em inglês), Gregory Bovino, e o substituiu por Homan, que prometeu reduzir as operações.